

VICTOR VINCENT VALLA: PIONEIRO DA PESQUISA E FORMAÇÃO ACADÊMICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Victor Vincent Valla: pioneer of research and academic formation in the field of popular health education

Eymard Mourão Vasconcelos¹; Eveline Bertino Algebaile²; Victor Vicent Valla³

RESUMO

Victor Vincent Valla foi o primeiro pesquisador de renome acadêmico a se dedicar ao estudo das peculiaridades e desafios próprios da aplicação da educação popular no campo específico da saúde comunitária. Participou ativamente da formação acadêmica de muitas das atuais lideranças e pesquisadores da educação popular em saúde. Seu modo de ser marcou fortemente as características do movimento da educação popular em saúde. Este estudo busca, a partir da análise de alguns pesquisadores que conviveram de perto com seu trabalho acadêmico, entender a sua contribuição teórica para a educação popular.

PALAVRAS-CHAVE: Victor Vincent Valla. Educação em Saúde. Educação da População. Medicina Comunitária/educação.

ABSTRACT

Victor Vincent Valla was the first researcher of academic renown to dedicate himself to the study of the peculiarities and inherent challenges of the application of popular education in the specific field of community health. He actively participated in the academic training of many of the current leadership and researchers of Popular Education in Health. His presence strongly influenced the characteristics of the movement of health education for the disadvantaged. This study tries, through an analysis by some researchers who closely accompanied his academic work, to understand his theoretical contribution to Popular Education.

KEY WORDS: Victor Vincent Valla. Health Education. Population Education. Community Medicine/education.

INTRODUÇÃO

A educação popular em saúde se constituiu e se espalhou no Brasil a partir da década de 1970, principalmente pela ação militante de profissionais de saúde, trabalhadores sociais e movimentos comunitários que aplicavam, em suas lutas por saúde, o saber e a experiência já acumulados, desde o final da década de 1950, pelo movimento da educação popular em geral. Victor Vicent Valla foi o primeiro pesquisador de renome acadêmico a se dedicar ao estudo das peculiaridades e desafios próprios da aplicação da educação popular neste

campo específico de prática social. Participou ativamente da formação acadêmica de muitas das atuais lideranças e pesquisadores da educação popular em saúde. Sua presença na Articulação Nacional de Educação Popular e Saúde, posteriormente transformada em Rede de Educação Popular e Saúde, foi fundamental para abrir-lhe espaços nos congressos e entidades acadêmicas. Seu modo de ser, generoso e aberto para a diversidade, marcou fortemente as características do movimento da educação popular em saúde.

¹ Professor do Departamento de Promoção da Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa Educação Popular em Saúde. R. Gilvan Muribeca, 215/301 - Cabo Branco - João Pessoa - PB - Cep 58.045-220 - E-mail: eymard.vasconcelos@gmail.com

² Doutora em Educação, Professora Adjunta de Políticas Públicas e Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil. E-mail: eveline@prolink.com.br

³ Doutor em História Social. Pós-Doutorado na University of California - Berkeley, U.C.BERKELEY, Estados Unidos. Pesquisador Titular da Escola Nacional de Saúde Pública - ENSP/FIOCRUZ, e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - Brasil. E-mail: valla@ensp.fiocruz.br

Mas Victor Valla não tem sido importante apenas para o setor saúde. Sua liderança é reconhecida também na principal entidade acadêmica brasileira da educação, a ANPED - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação - principalmente em seu Grupo de Trabalho (GT) de Educação Popular, a maior instância de discussão e troca de experiência entre os pesquisadores brasileiros dedicados ao campo da educação popular. Victor liderou por muitos anos este GT. Reconhecendo a sua importância, em 2007, a direção deste GT encomendou uma pesquisa que procurasse avaliar e analisar a sua contribuição teórica.

O que há na produção teórica de Victor Valla e no seu modo de gerir as relações acadêmicas que possibilitou tão grande impacto para o campo da educação popular? Que impactos são estes?

Para responder a estas questões, quatro pesquisadores que convivem mais de perto com seu trabalho acadêmico participaram: Maria Tereza Goudart Tavares, Reinaldo Matias Fleuri, Eveline Bertino Algebaile e Eymard Mourão Vasconcelos. Para alegria do grupo, o próprio Victor Valla, depois de provocado, concordou em participar desta avaliação crítica de sua obra. O presente trabalho é uma adaptação desta pesquisa, Vasconcelos et al. (2007) para o público do setor da saúde. Trata-se de um texto com diferentes análises sobre a contribuição de Victor Valla.

EM VALLA, O RECONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO, NA PESQUISA ACADÊMICA, DO JEITO DE PRODUZIR CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO POPULAR.

Eymard Mourão Vasconcelos

Conheci Victor Valla há 23 anos, em um curso que ministrou no Mestrado em Educação da UFMG. O interesse comum com as questões da Educação Popular no campo da saúde nos aproximou muito. Há 15 anos passamos a investir juntos na construção da Rede de Educação Popular em Saúde, exigindo muitas articulações, encontros e conversas. Ele se interessava muito pelo meu olhar de médico e sanitário para as questões que o intrigavam. Desde então, a convivência quase anual nas Reuniões da Anped, em que ficávamos sempre hospedados no mesmo quarto, me possibilitou acompanhar muito de perto seu processo pessoal de elaboração teórica, com seus dilemas, descobertas e perplexidades. Foi um grande privilégio merecer esta amizade, cumplicidade e apoio de um pesquisador tão mais experiente. É deste lugar especial de proximidade afetiva e militante que me proponho a refle-

tir sobre suas contribuições para o campo da Educação Popular, pois me permite perceber dimensões não muito evidentes quando examinamos apenas seus textos.

Toda a produção profissional de Victor Valla está marcada, de um lado, pelo gigantesco vínculo que criou com a pobreza no Brasil e, de outro, por seu estranhamento, como estrangeiro, intelectual e trabalhador social, com os modos de viver presentes entre os pobres. Forte vínculo e estranhamento geraram intensa inquietude e pesquisa.

Em entrevista publicada na Revista Trabalho, Educação e Saúde, Vasconcelos (2005), Valla afirma que, quando chegou ao Brasil como missionário católico, em 1964, ficou extremamente abismado com a pobreza. “Acreditava que, se eu não podia fazer nada, podia pelo menos conviver com o problema” (Vasconcelos, 2005, p.228-9). Mobilizado com a pobreza e dela se aproximando muito, começou, aos poucos, a se aproximar também de pessoas da esquerda. Diferentemente, de muitos missionários estrangeiros desta época, não foi morar entre os pobres. Dedicou-se também à aproximação com as instituições públicas, assistenciais e acadêmicas dedicadas à questão social. Com sua mente de estrangeiro, estranhou estes dois universos e passou a investir na busca de esclarecimentos de facetas das freqüentes incompreensões com que se deparava entre intelectuais e trabalhadores sociais a respeito da vida dos pobres, principalmente aqueles vivendo na periferia dos grandes centros urbanos. Assim, grande número de seus textos dos últimos 10 anos parte da afirmação de José de Souza Martins, que frequentemente cita, de que a propalada crise dos movimentos sociais e das iniciativas populares é, antes de tudo, uma crise de compreensão dos intelectuais e trabalhadores sociais (mesmo aqueles de esquerda) sobre o que realmente está acontecendo entre os pobres. A partir daí, se dedicou a estudar diferentes aspectos da cultura popular que geram incompreensões.

Seu vínculo com a pobreza é intenso. Nestes últimos anos, em que tem lutado bravamente contra as pesadas limitações trazidas pela doença, Victor passou a reconhecer com clareza e a explicitar a centralidade deste vínculo na estruturação de sua vida. Diferencia-se, assim, de muitos intelectuais de esquerda que estudam ou organizam intervenções sobre os pobres, sem que com eles se envolvam. Mesmo quando os convites para palestras e as demandas acadêmicas por orientação na pós-graduação se tornaram intensos, fazia questão de manter sua rotina de visitas e trabalhos na Região da Leopoldina, no Rio de Janeiro. Esta atitude muito influenciou sua produção teórica. Seus textos acadêmicos provocaram, por muito tempo, desdém entre alguns dos seus colegas pesquisadores da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz,

onde trabalha, pois não partia ou valorizava centralmente idéias presentes em bibliografias estrangeiras de autores da moda. Mas a impressionante repercussão de suas reflexões, indicada, por exemplo, pela grande frequência com que seus textos são referidos e citados em outros estudos, foi modificando este quadro.

Seus textos acadêmicos nascem desta imersão emocionada e militante no mundo popular. Apontam para força criativa, também na academia, deste processo engajado de produção de saber tão presente nas práticas de Educação Popular. Este tipo de produção teórica já é freqüente entre outros educadores populares, mas encontrou em Valla um reconhecimento e uma valorização acadêmica que muito o legitimaram.

Neste sentido, a presença e a liderança de Victor Valla, nos últimos anos do Grupo de Trabalho sobre Educação Popular da Anped, têm contribuído muito para impedir que certa erudição pernóstica, bastante presente nas instituições acadêmicas, não prevaleça. Um pouco da forma compartilhada e amorosa de produção de saberes da Educação Popular passou a estar mais presente no modo de ser deste Grupo de Trabalho. A sua coragem em trazer para o ambiente de pesquisa inseguranças, perplexidades e dilemas de pesquisador aponta para uma dimensão metodológica importante da problematização da Educação Popular, diferenciando-a de outras propostas pedagógicas centradas na problematização. Victor Valla não é um intelectual que reflete sobre Educação Popular, mas um educador popular que produz academicamente. Sempre encarou a produção textual como parte da luta política para a superação das injustiças sociais.

Um outro elemento importante para compreender a sua produção acadêmica é a grande importância de sua forte capacidade intuitiva na estruturação de suas reflexões. Na sua convivência com as instituições públicas de um lado e, de outro, o mundo popular, ele fica incomodado e instigado por algumas incompreensões, até que lhe ocorre uma idéia que oferece uma chave interpretativa para desvendá-las. Inicialmente são idéias pouco claras. Passa a conversar insistentemente com alguns companheiros sobre esta percepção, o que passa a ser quase uma obsessão. Neste momento, ele se torna repetitivo. Aos poucos, estas idéias vão se tornando mais claras. A sistematização acadêmica vem depois. Por isto, ele se apegou muito a um pequeno número de interlocutores. Há uma forte participação coletiva na organização das reflexões. Mas a fonte primeira de seus textos é a percepção intuitiva. O diálogo com outros autores, a escrita e o retorno dos leitores vão lhe ajudando a precisar suas

reflexões. Neste sentido, os textos de Victor se sucedem em um movimento espiral. O próximo texto repete muitos elementos do anterior, mas acrescenta novos elementos se esquecendo de outros. Esta forte repetição de muitas idéias em textos que se seguem causa alguma perplexidade em quem o acompanha por pouco tempo. É a forma que tem de refinar sua reflexão em um movimento contínuo, disciplinado e quase obsessivo. É preciso ter acesso a textos distantes cronologicamente para perceber a força criativa de seu método.

Este modo de trabalhar academicamente foi aprendido na sua convivência com o meio popular. Victor veio de uma família norte-americana de classe média bastante seca afetivamente em suas relações. Ao chegar ao Brasil, ficou fascinado com a alegria e a forma emocionada de viver e de se relacionar presentes no mundo popular. Ficou muito cativado. Aos poucos, foi deixando que esse jeito emocionado e cheio de oscilações fosse impregnando sua vida privada e profissional. Assim, sua relação com o trabalho social e acadêmico não é apenas orientado por um compromisso ético e político racional. Há uma forte paixão na sua organização. É justamente esta ligação apaixonada com a causa dos pobres que lhe tem possibilitado um estado mental propício para a emergência de suas fortes intuições. Na minha longa convivência com Valla, talvez o maior aprendizado que tive foi perceber a legitimidade e a produtividade acadêmica dessa forma pouco comum de gerir e organizar a produção teórica que acompanhei de perto. Trata-se de uma forma de organizar a produção de saber muito presente nas práticas locais de Educação Popular.

UNIDADE ENTRE PENSAMENTO E AÇÃO

Eveline Algebaile

Conheci o professor Victor Valla em 1991, por ocasião da 14ª Reunião da ANPED, e, desde então, meu contato com seu pensamento vem se dando a partir de diferentes âmbitos: o GT de Educação Popular, a militância político-partidária, o acompanhamento de políticas públicas de saúde e educação, seu trabalho no Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina (Cepel), suas aulas e seus textos, nossos estudos sobre pobreza no Brasil, coordenados por ele e por seu inseparável amigo Eduardo Stotz, sua orientação em meu Doutorado e as conversas soltas sobre a vida.

Dessa forma de contato, trago a impressão de que suas contribuições ao campo de Educação Popular devem ser compreendidas, certamente, a partir do que está explicita-

do em seus textos e suas falas, mas também do que às vezes está apenas inscrito em seu modo de atuar. Tomando emprestado uma formulação de Gramsci (2000), diria que Valla produziu uma espécie de conhecimento “em ato”, em profunda unidade com o seu pensamento registrado em textos, mas nem sempre totalmente aí explicitado. É sobre esse modo de conhecimento que gostaria de falar, pois acho que ele tem particular importância no campo de Educação Popular.

Ao assumir, em profundidade e para a vida inteira, o desafio de conhecer as classes populares no Brasil - com atenção para sua situação de exploração e destituição, mas também às suas formas de responder a essa situação e às suas possibilidades de propor e produzir caminhos de sentido diverso do instituído - Valla se envolveu com “modos de conhecer” irredutíveis à esfera específica das atividades de pesquisa e da interlocução acadêmica. Modos de conhecer que atravessam um campo muito mais vasto, envolvendo um amplo e complexo conjunto de práticas e relações implicadas com atividades profissionais, políticas e sociais.

Nessa busca de compreensão das classes populares em ação, ele não tem hesitado em se debruçar sobre temas diversos - favela, saúde, educação escolar, religiosidade popular - assumindo os riscos de trafegar por áreas distintas que, como sabemos, têm seus acúmulos, seus códigos, suas disputas e, portanto, seus critérios, por vezes implacáveis, de reconhecimento. Essa “mudança de áreas”, prática comumente desaconselhada no campo acadêmico e, no entanto, teimosamente enfrentada por Valla com um desprendimento incomum, dá visibilidade, de meu ponto de vista, a um aspecto muito importante desse “conhecimento em ato”. A atenção máxima às questões concretas que, em cada contexto, permitem melhor apreender as classes populares em ação, indica uma compreensão radical de que conhecer o outro implica imergir em sua realidade, até o ponto de se reconhecer a validade da pauta de questões ali produzida. Nos termos trabalhados pelo próprio Valla, exige uma “conversão” à experiência do outro e o reconhecimento de sua legitimidade para indicar novos territórios de investigação, indicando caminhos de ação.

Penso que esse desprendimento tem papel fundamental na produção de uma teoria da ação das classes populares capaz de problematizar vigorosamente as noções de direitos e de participação social predominantes no debate sobre desigualdades sociais no Brasil. Trafegar por distintos lugares de destituição possibilitou ao professor Valla a percepção refinada dos vínculos entre práticas, ações e relações que, vistas isoladamente, podem não parecer significativas; porém, apreendidas em seu nexos,

evidenciam-se como dispositivos que, além de reforçarem desigualdades, constroem o terreno sobre o qual são produzidas, cotidianamente, formas graves de desautorização intelectual, moral e política das classes populares, a partir das quais são sistematicamente interditas suas tentativas de intervenção no curso das políticas e práticas que lhes seqüestram direitos.

Há, no pensamento e nas ações de Valla, uma concepção inconformista de público, que afirma incondicionalmente a participação de todos os segmentos sociais nos processos que resultam em definição de noções e de formas de exercício de direitos. É uma concepção que recusa pesos e medidas diferenciados para os diversos grupos sociais e que, no entanto, não se assenta em idealizações da participação popular. Entendo assim porque ele não lamenta os limites à participação popular a partir da ausência ou presença atenuada das classes populares, por exemplo, nos conselhos ou nas práticas político-partidárias. Seu ponto de partida são as práticas participativas mais banais, como a participação difusa nas relações escolares e nas tentativas de acesso ao atendimento à saúde, em que formas diversas de cassação da fala e de interdição de ações são realizadas sistematicamente, sem que, no entanto, seja totalmente visível essa sistematicidade e sem que percebamos as formas capilares de nossa adesão ou consentimento a essa matriz de ação.

Há, aqui, uma concepção de público que não se destina a ser venerada como utopia, mas a ser exercida no tempo presente, sustentando, desde já, a reconstrução profunda das condições de participação dos sujeitos na produção histórica das noções e das formas de exercício de direitos. Participar é participar, por qualquer meio, pelos meios disponíveis, por todos os meios. É um jogo em que não cabem prévias nem ensaios. O “aquecimento” é a própria ação.

Essa concepção de público, para Valla, não é um princípio a ser aplicado normativamente sobre as práticas. É conhecimento em ato, encarnado em ações e delas indissociável. Quase inexplicável, seu modo de se fazer compreensível é realizar-se. Inscrita na própria prática e por ela formulada, essa concepção resulta em instigantes interrogações sobre as formas de organização institucional vigentes e nossa disposição para pensar e exercitar possibilidades de um fazer institucional de novo tipo, referenciado no aproveitamento de possibilidades e fissuras nos modos de funcionamento das instituições para fomentar agregações, invenções, derivas e coesões que, novamente lembrando Gramsci (2000), possam se tornar matrizes de novas modificações.

Penso que é a partir dessa forma “prática” de formular essa compreensão de público, que Valla não cai na tentação de difundi-la por meio de prescrições. Trata-se, de seu ponto de vista, de viabilizá-la por meio da refundação compartilhada de práticas e objetivos públicos, e, portanto, da disposição para, lembrando uma expressão do poeta Manoel de Barros, “voar fora da asa”.

Esse é um movimento visível, por exemplo, nas suas próprias tentativas de uso da estrutura e das prerrogativas institucionais da academia para ampliar seus vínculos com “a rua”, com os espaços onde a vida transcorre a partir de referências diversas o suficiente para provocarem estranhamentos que abalem certezas e fazeres fossilizados; na sua opção rigorosa por orientar estudos vinculados à pesquisa social orgânica; no seu empenho em disseminar práticas e valores que, por vezes, correm na contra-mão de exigências acadêmicas bastante consagradas; nas suas insistentes práticas de alargamento e recriação de campos de interlocução, envolvendo a valorização da participação em espaços não polarizados pelas regras, valores e formas de prestígio acadêmico, a reconstrução de modos de ver e de ouvir o que não se conhece, a busca de modos de falar e escrever que não circunscrevam a produção científica a um campo de iniciados.

Ao longo de sua história de trabalho, essas disposições e modos de conhecer encarnam diversas ações e delas se desdobram. A criação do Cepel - um centro de estudos e pesquisas que atuou por mais de 10 anos na Leopoldina, área suburbana do Rio de Janeiro intensamente ocupada por favelas e conjuntos habitacionais populares - é exemplar nesse caso. Aproximando professores e estudantes universitários, profissionais de políticas públicas, militantes políticos, parlamentares, moradores da região, movimentos sociais e igrejas, o Cepel funcionou quase como um “partido”, na concepção larga dada ao termo por Gramsci, constituindo-se como espaço de agregação de diferentes ações e sujeitos, de produção de conhecimentos a partir do encontro entre modos de conhecer diversos e de difusão desses conhecimentos por meios e formas inusitadas.

Também exemplares são suas proposições de metodologias de pesquisa que funcionam como verdadeiros programas de ação, desarranjando modos instituídos de abordagem dos “objetos”, por meio da produção de contextos de investigação em que as falas cassadas e as ações interdidas ganham condições de expressão, provocando formas inéditas de interlocução, em que, tal como discutido por Telles (2001), os aparentes dramas individuais passam a ser percebidos como problemas da vida pública do país. É o

caso da Ouvidoria Coletiva, que funda espaços concretos de elaboração coletiva de problemas públicos vividos a partir de pontos de vista diferentes, por diversos segmentos de profissionais e de usuários.

Seria possível, nessa linha, lembrar seu empenho em se fazer presente nos espaços de formação de profissionais do campo social, interpelando as tendências à reprodução cotidiana de ações que intensificam a apartação das classes populares em relação aos direitos; atuando no enfrentamento dos distanciamentos entre profissionais e usuários de serviços referidos a direitos; exercitando a formação profissional para além das práticas institucionais manifestamente dirigidas a esse fim, construindo espaços de encontro que disputem, com as condições institucionais vigentes, os sentidos da ação desses profissionais, garantindo-lhes referências sociais sólidas, implicadas com a produção compartilhada de objetivos públicos. Seria possível muito mais: lembrar sua renovada disposição para a participação partidária; sua história de participação em conselhos de políticas públicas; suas contribuições à constituição de redes de movimentos sociais...

Mas essa é a história de um construtor de possibilidades de agregações, o que significa que é uma história que atravessa muitos de nós. Sendo esse seu sentido e sua força, não cabe desejar esgotá-la em um texto, aprisioná-la em um ponto de vista. Cabe deixar que ela persista, sempre teimosa, a partir das agregações e derivas que a garantam como uma história em construção.

PROBLEMATIZANDO O TERMO “CONVERSÃO” A PARTIR DO CAMPO RELIGIOSO

Victor Vincent Valla

Ao longo de mais de vinte anos participando do GT de Educação Popular da Anped, compreendo que o objeto de conhecimento e de ação desse campo é a situação de exploração e subordinação das classes populares, sua apartação dos direitos já naturalizados para as classes médias e altas. Em torno desse objeto de conhecimento e de ação, temos construído concepções, práticas e propostas permanentemente postas à prova, em termos do seu alcance efetivo, bem como de sua capacidade de indicar caminhos e de resultar em soluções para os problemas identificados. Por isso, nossa participação nesse campo deve também se dar no sentido de contribuirmos para a discussão e reconstrução dessas concepções e práticas, para que possamos avançar na identificação desses caminhos e na construção de novas condições a partir das quais seja possível produzir soluções verdadeiras.

Nessa perspectiva, uma das minhas maiores tentativas de contribuição nesse campo são meus estudos sobre religiosidade popular.

Primeiro, porque entendo que o exercício da religiosidade é, em um país marcado por tantas desigualdades, como o nosso, uma experiência central na organização da vida das classes populares, uma espécie de experiência síntese, a partir da qual as classes populares têm elaborado uma parte importante das suas relações com os sofrimentos que atingem suas vidas, sofrimentos materializados nos desafios de sobrevivência, como os relacionados às questões da moradia, da saúde, da educação escolar, da violência e da participação política.

Segundo, porque esse é um tema sem prestígio nos debates sobre os enfrentamentos políticos do problema da pobreza, e o enfrentamento da pobreza exige que nos ocupemos dos temas sem prestígio, para podermos conhecer o que não conhecemos, as práticas, ações e relações que costumamos achar que “não têm sentido”, e que, no entanto, são referências sem as quais não podemos pensar em profundidade o mundo e as suas mudanças possíveis. A compreensão da centralidade da religiosidade popular é um caminho muito importante para avançarmos na compreensão das classes populares e de suas lutas. Por isso me dedico a ele.

A religiosidade popular é um campo vasto. Envolve uma multiplicidade de práticas e grande variedade de estudos realizados por pesquisadores de diferentes áreas a partir de diferentes metodologias, destacando-se estudos nos campos da sociologia e da antropologia, que abordam as práticas de religiosidade sob a ótica da cultura. Mas o entendimento da religiosidade como experiência articuladora das demais práticas e relações das classes populares, no meu entender, exige, mais que metodologia de pesquisa, uma postura de imersão na realidade de vida a partir da qual a religiosidade adquire essa centralidade.

Minha opção por estudar o pentecostalismo decorre do entendimento de que é nesse movimento religioso que a centralidade da pobreza se dá de forma mais radical. Por isso, inclusive, o forte fluxo de adesão dos pobres, especialmente os muito pobres, a essa religião. Isso me dá garantias de me aproximar de um núcleo de práticas das classes populares onde significativas experiências dos pobres se evidenciam mais intensamente, o que permite o aprofundamento de questões que atravessam meus trabalhos há muito tempo, mas que ganharam uma de suas formas mais claras na discussão que tentei empreender sobre a “crise da compreensão”, que, para mim, permanece como um desafio intelectual e um desafio histórico.

É desse entendimento que também decorre meu interesse em discutir o termo conversão.

Há cerca de cinco décadas atrás, Richard Schaul, um pastor presbiteriano que atuou em países latino-americanos como missionário e professor, propôs que seminaristas, comumente da classe média, convivessem com as classes populares, no seu lugar de moradia, a fim de melhor entenderem as formas de compreensão e ação daqueles para os quais se dirigiam as atividades missionárias. Para Schaul, esse ato de conviver com as classes populares em seu lugar de moradia seria uma forma de incorporar seu olhar para o mundo, e esta seria uma condição essencial para uma atuação verdadeiramente envolvida com o enfrentamento da situação de profunda desigualdade e sofrimento que marcava o problema da pobreza nesses países. O termo usado por César e Schaul (2001) para fazer referência a essa forma de ação foi “conversão”, segundo um significado não convencional.

Em geral, o termo conversão é compreendido como passagem de uma crença para outra, de uma doutrina para outra. Também é comum entender-se que a conversão é a aceitação de uma missão indicada por Deus, a aceitação de um chamado divino. Schaul, porém, não entendia a conversão nesse sentido. Para ele, em sentido pleno, a conversão não pressupunha a crença em um Deus, nem o atendimento a um chamado divino, mas a adoção de um novo lugar a partir de onde se poderia compreender em profundidade os principais problemas para os quais buscamos soluções. Nesse sentido, Schaul indicou que, no mundo em que vivemos, a conversão, em sentido pleno, seria exclusivamente a conversão à questão da pobreza, ponto central para a discussão e enfrentamento de todos os demais problemas que, hoje e no futuro, nos desafiariam.

Acredito que a discussão do termo “conversão”, a partir dessa perspectiva, contribui de uma forma especial para a problematização dos nossos desafios de pensamento e de ação no campo da Educação Popular, no sentido de nos aproximarmos mais dos resultados históricos que desejamos.

Em um sentido convencional, ao longo da história, a idéia de conversão pode ser identificada, com sentidos diversos, em inúmeras propostas de ação nos campos religioso e político. No campo religioso, a idéia de conversão aos pobres aparece, por exemplo, com bastante nitidez, na religião católica, na fundação da Ordem Franciscana, destacando-se, porém, nesse caso, um sentido de renúncia ao mundo de opulência e riqueza. No campo político, também é possível identificar o princípio da conversão nas

práticas de inserção de membros de organizações políticas nos espaços de vida e trabalho das massas populares. A idéia de conversão aí presente, porém, não pressupõe renúncia nem imersão na experiência de vida dos pobres, mas, na verdade, uma inserção popular de militantes políticos que, por meio de contatos cotidianos, tentam operar a conversão dos pobres a um projeto político elaborado fora daquele meio. São militantes que entram nos meios populares não para se modificarem, mas para modificarem os outros.

A idéia de Schaul, na qual me referencio, e que, de modo geral, é constituída dos mesmos princípios que orientaram a Teologia da Libertação, tem um elemento novo fundamental, implicado com questões não apenas políticas, mas também epistemológicas, de grande importância para o campo da Educação Popular: a idéia de que a conversão é um movimento de descentramento, uma mudança fundamental em termos do conjunto de experiências a partir do qual olhamos e entendemos o mundo, as possibilidades de ação no mundo e a construção de um mundo possível para todos.

Esse, como se vê, não é um movimento a ser esperado das classes populares, mas das classes médias, habituadas a entenderem sua experiência como central, e a deduzir disso, de um lado, sua autoridade e capacidade para dispor sobre os problemas do mundo, e, de outro, a permanente minoridade política e cultural das classes populares para disporem sobre as questões que afetam suas vidas. Tudo se passa como se o padrão de vida e de direitos das classes médias fossem extensíveis, sem mediações, para as classes populares, quando, na verdade, esses padrões resultam de formas históricas de utilização privilegiada de meios e recursos.

Acho importante lembrar aqui a discussão de Santos (1996) sobre o conjunto de saberes práticos e valores produzidos às margens dos padrões de vida das classes médias, pelos imensos segmentos da população submetidos à experiência da escassez. Com todos os problemas e degradações impostos aos pobres, os espaços de vida das classes populares têm sido o lugar de construção de uma experiência humana de repartição, compartilhamento e solidariedade capaz de indicar caminhos válidos para a transformação do mundo, incluindo-se, aqui, a urgência de enfrentamento de uma cultura de apropriação particularista e de esgotamento de todos os recursos naturais, econômicos e humanos, que não é suficientemente problematizada em nosso meio.

Sob essa ótica, a conversão - como movimento de confrontação de nossa experiência a partir do nosso

submetimento à centralidade da experiência do outro, da tomada da experiência do outro como referência para se pensar o mundo - propicia, também, uma conversão dos sentidos que estamos habituados a atribuir às coisas. Se a experiência a partir da qual penso o mundo é a experiência constituída nos contextos de escassez, noções já naturalizadas de direitos, urbanização, escolarização, justiça, modernização, iniciativa, conhecimento, adquirem, inevitavelmente, novos delineamentos.

Não é o caso, certamente, de propormos a convivência com as classes populares na mesma forma proposta por Schaul. Sabemos das diferenças entre a prática profissional e a prática missionária. Mas devemos ter o máximo de atenção à construção de práticas que garantam uma relação profunda com a vida das classes populares, de forma a compreendermos o que é preciso fazer para que a Educação Popular não seja uma, dentre outras formas, de dizer ao outro o que fazer, a partir de uma experiência histórica e de condições que lhes são estranhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz menos de 20 anos que a educação popular em saúde vem se constituindo como campo acadêmico estruturado com um corpo de reflexões teóricas sistematizadas, de pesquisadores dedicados ao tema e de redes de intercâmbio e divulgação das reflexões. Victor Valla é uma personalidade marcante neste processo de fundação. Conhecê-lo é extremamente revelador das características deste campo acadêmico. Seu modo de pesquisar comprometido com os dilemas e dificuldades da luta popular e do trabalho educativo de intelectuais aliados, sua forma inclusiva, participativa e, até, amorosa de construir grupos e parcerias no processo de sistematização das reflexões e o seu jeito peculiar de imbricar dimensões sociológicas e políticas com dimensões subjetivas percebidas com extrema sensibilidade, tudo isto foi marcando o campo acadêmico da educação popular em saúde. E não poderia deixar de ser assim, pois a metodologia de pesquisa deve ser orientada pelas características da teoria que orienta o pesquisador. Deve, mas nem sempre é. A forma radical como este líder fundador incorporou, em sua vida pessoal, e a coerência como assumiu, em sua vida de pesquisador, o ideário da educação popular ajudaram muito na construção da unidade solidária deste novo campo do conhecimento. Mas Victor Valla realizou esta tarefa de maneira muito peculiar e pessoal. Este texto procurou justamente explicitar algumas destas características criadas por sua personalidade inquieta e afetiva.

REFERÊNCIAS

- CESAR, W.; SHAULL, R. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**: promessas e desafios. Petrópolis: Vozes, 1999. 320 p.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v.3, 428 p.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. 196 p.
- TELLES, V. S. **Pobreza e cidadania**. São Paulo: Editora 34, 2001. 168 p.
- VALLA, V. V. **Trabalho, saúde e educação**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 227-238, mar. 2005. Entrevista concedida a E. M. Vasconcelos.
- VASCONCELOS, E. M. *et al.* A contribuição de Victor Valla ao pensamento da educação popular: diferentes olhares. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu-MG. **Anais...** Caxambu: Anped, 2007. CD-ROM.

Submissão: janeiro de 2008

Aprovação: maio de 2008
